



Dom Nivaldo Monte era o caçula de uma família numerosa. Os pais tiveram oito filhos



Na década de 1960, com o prefeito de Natal, Djalma Maranhão, lançando ações educacionais

YUNO SILVA
Repórter

Centenário de Dom Nivaldo

Arquidiocese de Natal, familiares e amigos preparam programação de eventos e celebrações pelos 100 anos de nascimento daquele que foi um dos mais populares e queridos líderes da Igreja Católica no Estado

FOTOS: CEDIDAS/ARQUIVO DA FAMÍLIA

Solidário, devoto, de perfil curioso e conciliador, Nivaldo Edson do Monte (1918-2006) foi um exemplo do “bom pastor”, sobre o qual nos fala os evangelhos cristãos, e fez parte daquele seleto grupo de pessoas que não se martirizam nem titubeam diante de questões existenciais: ele sabia bem qual missão cumpriria ao longo dos 88 anos de vida na jornada terrena. E em março, será tempo de celebrar o primeiro centenário de nascimento dele.

Mais conhecido por “Niniu”, entre amigos e familiares, Dom Nivaldo Monte deixou um legado que transcende o campo eclesial. A aproximação do centenário de seu nascimento – a ser comemorado no próximo dia 15 de março – é a oportunidade certa para evidenciar as lições pregadas por ele.

“Hoje, diante de um tempo em que a memória se dissipa de forma rápida, às vezes até injusta, é muito válido lembrar de pessoas que tiveram relevância na sociedade. É louvável a dedicação e o envolvimento de Dom Nivaldo com assuntos da família, da igreja, da cidade, da Academia Norte-riograndense de Letras, e do Instituto Histórico e Geográfico do RN”, lembrou Dom Jaime Vieira Rocha, arcebispo de Natal, mesmo cargo ocupado por Dom Nivaldo entre 1967 e 1988. Foi uma gestão, na Cúria Metropolitana, dedicada às atividades pastorais, à ação social e ao aperfeiçoamento do clero.

Para Dom Jaime, que conviveu e foi ordenado padre por Dom Nivaldo, festejar o professor é evidenciar uma pessoa “que elevava a alma de todos com seu otimismo. Apesar da aparência física frágil, era um cabedal de conhecimento com uma sensibilidade incrível e grande habilidade para mediar conflitos. Era um conciliador, um homem da comunhão, paciente, que sabia até onde poderia ir em cada situação”, acrescentou o atual arcebispo de Natal, adiantando que no dia 15 de março, às 19h, haverá missa na Catedral Metropolitana em homenagem a Dom Nivaldo. Um site com vídeos, áudios, documentos, informações e depoimentos sobre Dom Nivaldo também será lançado na ocasião.

Um homem de ações e preces. Co-fundador da Rádio Rural de Natal ao lado de Dom Eugênio de Araújo Sales (1920-2012), Dom Nivaldo Monte foi radialista, jornalista, e professor de Latim, Grego, História Natural, Psicologia, História e Filosofia da Educação, Administração de Obras, Moral Geral e Ética Profissional, no Seminário de São Pedro, em escolas regulares, nas escolas Doméstica e de Serviço Social, e no Instituto de Ciências Humanas da UFRN.

Seu interesse por conhecimento ainda gerou pesquisas nas áreas de botânica, genética, arqueologia e etnografia. Poeta, autor de doze livros, e de outra dezena de plaquetes, também dedicou parte de seu tempo à Academia Norte-riograndense de Letras onde ocupou cadeira número 18 cujo patrono é Augusto Severo.

Curioso e inquieto, também era desportista. Foi compositor de músicas cristãs, e ainda assinou o projeto arquitetônico do prédio onde funcionou a Escola de Serviço Social – imóvel que atualmente abriga a Câmara Municipal de



Naturalista e entusiasta da jardinagem, Dom Nivaldo Monte viveu os anos da aposentadoria entre as mangueiras do sítio de Emaús

Natal, no Tirol.

Na Rádio Rural de Natal, além de comandar programas com mensagens reflexivas, desenvolveu métodos para ensino radiofônico dentro do Movimento de Educação de Base (MEB).

Com Dom Eugênio Sales, Dom Nivaldo foi também o primeiro coordenador da Ação Católica Feminina e o segundo da Ação Masculina, ajudando a criar o Movimento de Natal – iniciativa pioneira da igreja católica formada por um conjunto de ações que prezava pela formação do ser humano no período pós-Segunda Guerra Mundial.

A relevância do Movimento de Natal foi reconhecida regional, nacional e internacionalmente, servindo, inclusive, como base para a atual Campanha da Fraternidade e referência para o 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, realizado em 1961, o chamado Concílio Vaticano II convocado pelo Papa João XXIII.

Sua dedicação por causas sociais o levaram Dom Nivaldo Monte a fundar (entre 1946 e 1955) diversos Centros Sociais em Natal e paróquias do interior, que culminaram com a fundação do Serviço Ação Urbana em 1966.

Ele também trabalhou no início da construção da nova Catedral Metropolitana, e iniciou o projeto de erradicação da favela do Passo da Pátria, Cidade Alta, com construção de casas, escolas, centro social e capela.

DEPOIMENTO

“Dom Nivaldo Monte, o nosso Niniu”, por Padre Fábio dos Santos Dom Nivaldo Monte foi a pessoa que melhor entendeu, e sentiu as palavras de Jesus, de que na terra é preciso se transformar numa criança para poder entrar no céu, por isso, o seu nome, mesmo nos tempos de padre, bispo e arcebispo, sempre foi o seu nome de menino, Niniu. Eu o chamava de o sempre menino bispo. Ele, com o saber e o sabor de uma criança, era um encantado, se encantava e encantava a todos.

POEMAS

Versos de Dom Nivaldo Monte sobre a terceira idade:

A velhice é muito boa
Pouco mal ela nos faz.
Só não gosto da velhice,
É por ser curta demais.

“Pétala de rosa”

Não te admires por eu ser tão velho
De fazer, como eu faço, eu te aconselho:
Nunca deites, cansado, pra dormir

À procura de um justo e bom repouso
Nunca feches os olhos sem abrir
Um livrinho com fados de trancoso.

Ele é um patrimônio da cultura e do saber, uma fonte de ensinamentos, um testemunho de vida, um filho amado do Pai, um autêntico louvor de sua glória.

Um homem de fé com uma “sede de saber” infinita

Caçula de sete irmãos, filho de Pedro Alexandre do Monte e Belarmina Sobral do Monte, Dom Nivaldo seguiu os passos deixados pelo Padre Monte (1905-1944), seu irmão mais velho. “Tio Niniu era de uma época que os padres e bispos eram pastores, participavam da vida política e social da cidade”, lembrou o sobrinho Roberto Monte, economista e pesquisador que recebeu a reportagem da TRIBUNA DO NORTE entre pilhas de documentos e revistas, rolos de filmes 18mm, cartazes, fitas K7, DVD e VHS, centenas de livros, e muitas lembranças.

“Ele tinha um raciocínio analógico, cartesiano, pesquisava de tudo e queria juntar tudo o material coletado em um único volume. Seu sonho era publicar uma enciclopédia sobre o RN”, contou Roberto sobre o tio, explicando que Nivaldo era da turma dos moderados, “entre as alas progressista e reacionária da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Nunca mudou o tom de voz, estava sempre aberto ao diálogo, e era torcedor fervoroso do ABC de ir para o campo com o radinho no ouvido”, revelou o sobrinho, que, aliás, é responsável



Ele tinha um raciocínio cartesiano, pesquisava de tudo e queria juntar todo o material coletado em um único volume”

ROBERTO MONTE
Sobrinho de Dom Nivaldo

pelo acervo do educador Moacyr de Góes (1930-2009), do ex-prefeito Djalma Maranhão (1915-1971), e do Monsenhor Expedito de Medeiros (1916-2000).

Roberto Monte resumiu em poucas palavras a personalidade de quatro, entre os principais religiosos do RN. Para ele o Padre João Maria (1848-1905) pode ser definido pela simplicidade, enquanto o Padre Monte tem seu nome relacionado à erudição. “Dom Eugênio representava o poder eclesial, enquanto Dom Nivaldo a articulação e a conciliação”.

Origem agrária, alma eclética e trajetória religiosa

Dom Nivaldo Monte nasceu em Natal no dia 15 de março de 1918. Filho de família simples, vinda do sertão pernambucano, é o caçula de sete irmãos. Como era muito ligado à terra, vivia plantando árvores por onde andava para marcar sua passagem pelo lugar ou eternizar algum episódio. “Quer agradar um Monte? Traga uma fruta diferente. Nossa família veio morar no litoral, mas a origem está no interior, na terra, na granja”, disse o sobrinho Roberto Monte.

De fato: no acervo mantido por Roberto com fotografias de Dom Nivaldo Monte, é fácil encontrar o religioso ao lado de árvores frutíferas ou cuidando de um canteiro – tanto que entre suas pesquisas empíricas estão assuntos relacionados à botânica, biologia e genética. Seu nome, por sinal, batiza o Parque da Cidade, no bairro de Candelária.

Apesar da aparência franzina e saúde frágil, Dom Nivaldo era conhecido por possuir uma personalidade forte e destemida. Aos 13 anos entrou para o Seminário, e aos 22 anos foi ordenado padre por Dom Marcolino Dantas, o primeiro arcebispo de Natal. Em 1941 assumiu o posto de vigário da Paróquia de São Gonçalo do Amarante, em seguida as de Goianinha (1942) e Arez (1943) animado pela mística da vocação e pelo zelo pastoral.

Entre 1943 e 44, já de volta a Natal, foi nomeado o primeiro capelão militar do Exército brasileiro do continente, durante a 2ª Guerra Mundial.

Nomeado bispo em 1963, escolheu como lema “Mihi vivere is Christus” (Para mim o viver é Cristo), e foi designado bispo auxiliar do arcebispo de Aracaju, na época Dom José Vicente Évora. Dois anos depois, em 1965, retorna à capital do RN para assumir o cargo de Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal no lugar de Dom Eugênio Sales (1920-2012), que havia sido transferido para a Bahia.

Antes de ser nomeado o segundo arcebispo da Arquidiocese de Natal pelo Papa Paulo VI, em 1967, função que exerceu até 1988, Dom Nivaldo foi assistente eclesial da Juventude Feminina Católica e do Secretariado Arquidiocesano de Ação Social; secretário do Bispado de Natal; presidente, diretor e conselheiro da Escola de Serviço Social; secretário da Comissão de Artes Sacras e do Conselho Diocesano; pró-vigário geral da Arquidiocese; diretor espiritual do Seminário de São Pedro; diretor da Divisão Técnica e Administrativa (DITA) do Serviço Social Rural; membro do Conselho Administrativo da Arquidiocese de Natal; e capelão do Abrigo Juvino Barreto e do Colégio Nossa Senhora das Neves.